



Organização
Pan-Americana
da Saúde



Organização
Mundial da Saúde
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS Américas

57° CONSELHO DIRETOR

71ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS

Washington, D.C., EUA, de 30 de setembro a 4 de outubro de 2019

CD57/DIV/5
Original: inglês

**DISCURSO DE ABERTURA DO EXMO. DR. TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

**DISCURSO DE ABERTURA DO EXMO. DR. TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

**30 de setembro de 2019
Washington, D.C.**

**57º Conselho Diretor da OPAS
71ª sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Exmo. Sr. Ministro Duane Sands, presidente do Conselho Diretor em fim de mandato,
Exmo. Sr. Secretário Alex Azar,
Diretora-regional, minha irmã Carissa,
Exmos. Ministros e Chefes de Delegação, prezados colegas e amigos,

É um prazer estar aqui novamente.

Secretário Azar, sou grato por sua liderança nacional e internacional.

Sou grato pelo seu compromisso de tornar a assistência de saúde de maior acesso a um custo acessível a todos nas Américas, manifestado na Reunião de Alto Nível das Nações Unidas sobre Cobertura Universal de Saúde na semana passada.

Sou grato também pelo seu grande envolvimento pessoal no combate ao surto de Ebola na República Democrática do Congo.

Os Estados Unidos são um bom amigo da OMS e, com o seu apoio, vidas são salvas em todo o mundo.

Ministro Sands, agradeço-lhe por estar aqui hoje neste momento tão difícil ao seu país.

Somos solidários com todos aqueles que perderam entes queridos, ou tudo o que possuíam, após a passagem do Furacão Dorian.

No final de semana, tive a oportunidade de acompanhá-lo ao visitar as Ilhas Ábaco e Grande Bahama.

Vi a devastação causada pelo furacão, mas também vi a beleza impressionante de um país que vive do turismo e continua de portas abertas.

Meu irmão, a OMS está empenhada em prestar apoio a vocês e ao seu povo em solidariedade. Juntos, vamos juntos amenizar este sofrimento e, juntos, vamos reconstruir e se reerguer.

O que eu vi nas Bahamas é uma advertência trágica da necessidade urgente de reduzir e controlar os efeitos das mudanças climáticas.

Vi algo semelhante na minha recente visita à região do Pacífico, onde as mudanças climáticas subtraem os lares e a esperança.

Visitei Tonga onde os hospitais estão sendo transferidos para áreas de planalto e manguezais são plantados para deter a invasão das águas do mar e a erosão.

Visitei Kiribati que ficará submersa em um século a menos que sejam tomadas medidas urgentes.

E visitei Tuvalu onde o primeiro-ministro fez um alerta: se as temperaturas continuarem a subir, significará o desaparecimento total da nação dele.

Apesar de serem os menos responsáveis pelas mudanças climáticas, os pequenos Estados insulares são os mais ameaçados.

Assim, estabelecemos a Iniciativa sobre mudanças climáticas e saúde nos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento.

Realizamos três consultas, inclusive uma em Granada para as ilhas do Caribe.

A partir dessas consultas, elaboramos um plano de ação que foi endossado pela Assembleia Mundial da Saúde em maio deste ano.

A nossa visão é que, até 2030, todas as ilhas do Caribe terão implantado um sistema de saúde resiliente às mudanças climáticas. A meta é ambiciosa, mas viável.

Uma maneira de os Estados do Caribe desenvolverem capacidade própria é treinar equipes médicas de emergência para responder a emergências, como a passagem do furacão Dorian, que ocorrem no país, na região e no mundo.

Por hora, apenas Barbados possui uma equipe médica de emergência. A OMS está pronta a ajudar a aumentar a capacidade de resposta dos outros estados.

Minha irmã Carissa, eu lhe agradeço pela sua liderança na Região e sua parceria e amizade ao integrar o Grupo Global Policy, da OMS.

A Agenda de Saúde Sustentável para as Américas 2018-2030, preparada sob sua liderança, é uma plataforma robusta para transformar em realidade a visão de uma região mais saudável e equitativa nas Américas.

Na sua essência está a nossa visão conjunta de cobertura universal de saúde.

A Declaração política sobre cobertura universal de saúde, aprovada na Assembleia Geral na semana passada, representa o maior acordo internacional em saúde da história.

A negociação nem sempre foi fácil, como é com tudo o que vale a pena o esforço.

Não existe consenso em tudo. Porém, os países conguçam o direito de todas as pessoas de gozar do grau máximo de saúde que se pode alcançar.

O Relatório de Monitoramento Global sobre Cobertura Universal de Saúde, divulgado na semana passada às vésperas da Reunião de Alto Nível, revela que a sua Região se sobressai como líder mundial.

Entre 2010 e 2015, a Região das Américas foi a única que melhorou em cobertura de serviços e proteção financeira.

Parabéns!

Como sabe, há muito o que fazer para ampliar o acesso aos serviços de saúde, melhorar a qualidade dos serviços e reduzir os gastos diretos.

Ontem recebi um pedido dos países da CARICOM solicitando apoio técnico para estabelecer programas nacionais de seguro de saúde. A OMS está empenhada em prestar este apoio.

Não há um percurso único para se alcançar a cobertura universal de saúde. Porém, em todos os países, ela deve se fundar na atenção primária à saúde.

Sei que esta é uma prioridade sua. O Pacto Regional pela Atenção Primária à Saúde: APS 30-30-30, lançado em abril deste ano, é um grande passo no rumo certo.

Vejo com especial satisfação o compromisso dos países de destinar ao menos 30% do orçamento de saúde pública ao financiamento do primeiro nível de atenção até 2030.

E aplaudo a ênfase dada ao fortalecimento da gestão e governança em saúde.

A sua colaboração com o Parlamento Centro-americano para harmonizar e reforçar os enquadramentos jurídicos em saúde é muito importante.

Costumo dizer que a saúde é uma opção política.

Os congressos nacionais exercem um papel fundamental ao materializar os compromissos políticos em legislação e disposições regulamentares.

Na Assembleia da União Interparlamentar, a ser realizada na Sérvia este mês, espera-se que os países adotem uma resolução sobre a cobertura universal de saúde. Assim, pedimos aos seus países que apoiem esta resolução.

Existem mais motivos para comemoração.

A Região das Américas é uma das duas regiões do mundo onde o tabagismo e as mortes relacionadas ao uso do tabaco estão em queda.

A sua Região é líder mundial em identificar e notificar casos de tuberculose em homens que, apesar de ser o grupo com maior prevalência, têm menor chance de serem diagnosticados com a doença.

O Fundo Rotativo e o Fundo Estratégico, ambos da OPAS, continuam a prestar apoio e salvar vidas.

E a Argentina foi recentemente certificada como um país livre da malária.

Apesar dos muitos motivos para alegria, existem também razões para preocupação.

As desigualdades são consideráveis entre os países da Região e dentro de cada país.

Apesar do alcance da meta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) relativa à mortalidade materna há quase 10 anos na Região, alguns países e comunidades ficaram para trás.

Um estudo realizado em quatro países da OPAS aponta que o gasto direto com saúde das mulheres é maior que o gasto dos homens.

A alocação de recursos para saúde parou de crescer ou diminuiu.

A interferência de setores da economia impediu a implantação de esquemas nacionais de seguro de saúde e a tributação do álcool, cigarros, bebidas açucaradas e alimentos com alto teor de açúcar, gordura e sal.

Apesar de avanços importantes em saúde infantil, os recentes surtos de sarampo e o aumento da obesidade infantil, sobretudo nos pequenos países insulares, representam uma ameaça ao que foi realizado.

A sua agenda desta semana contém vários pontos a serem discutidos para contemplar parte destes desafios.

A Iniciativa da OPAS de eliminação de doenças está fundamentada em uma visão ambiciosa para eliminar a carga de mais de 30 doenças transmissíveis até 2030, do câncer do colo uterino à doença de Chagas, da malária ao sarampo, tracoma e tuberculose.

Além do combate às doenças transmissíveis, estamos tomando medidas para lidar com a carga de doenças não transmissíveis, que são a principal causa de morte na Região.

O Plano de ação para eliminar os ácidos graxos trans produzidos industrialmente constitui um guia claro para eliminar esses produtos prejudiciais do suprimento de alimentos da Região.

Em maio deste ano, a Aliança Internacional de Alimentos e Bebidas, representando os 12 maiores produtores mundiais de alimentos, assumiu o compromisso de alinhar sua plataforma ao apelo da OMS para eliminar as gorduras trans produzidas industrialmente do suprimento mundial de alimentos até 2023.

Outro instrumento importante no combate às doenças não transmissíveis é a promoção da saúde.

Nenhum país ou região pode se dar ao luxo de simplesmente tratar as doenças. Precisamos criar condições favoráveis à saúde, contemplando as condições em que as pessoas nascem, se desenvolvem e vivem, trabalham e envelhecem.

Este é o enfoque da Estratégia e plano de ação para promoção da saúde, que visa prevenir ou retardar ao máximo a utilização de serviços de saúde de nível secundário e terciário.

Porém, quando necessário, prestar serviços de qualidade é essencial.

Serviços de pouca qualidade causam mais sofrimento, o que é inadmissível, e desgastam pouco a pouco o bem de maior valor em saúde: a confiança.

Após ser implementada, a Estratégia e plano de ação para melhorar a qualidade da atenção contribuirá para melhorar os resultados em saúde e aumentar a confiança entre as pessoas e os provedores de serviços na Região.

Serviço de qualidade não é artigo de luxo para quem é rico, mas uma necessidade para todos.

Da mesma forma, o transplante de órgãos, tecidos e células é uma prática que salva vidas e deve ser acessível a quem precisa, não apenas a quem pode pagar.

A Estratégia e plano de ação sobre doação e acesso equitativo a transplante de órgãos, tecidos e células visa resolver esta disparidade ao incentivar doações voluntárias e reforçar a governança, gestão e capacidades dos sistemas de saúde para transplantes.

A Estratégia e plano de ação sobre etnia e saúde é uma iniciativa importante para sanar as desigualdades nos grupos marginalizados.

E, finalizando, nenhuma dessas iniciativas se concretizará sem dados de qualidade, fundamentais para compreender quem está ficando para trás e por quê.

Esta área é de grande interesse à OMS como parte da nossa evolução, assim como é para vocês.

O Plano de ação para o fortalecimento dos sistemas de informação para a saúde estabelece ações específicas e indicadores reais para melhorar a governança e o gerenciamento da informação em saúde e a utilização das novas tecnologias.

Exmos. Srs. Ministros, prezados colegas e amigos,

A OMS está empenhada em tornar a Região das Américas mais saudável, segura e equitativa.

Gostaria de dizer algumas palavras sobre como a OMS está se transformando para cumprir esta visão.

Desde a nossa última reunião, eu, a Carissa e outros diretores-regionais estamos trabalhando diligentemente para transformar a OMS em uma organização ágil que atua integradamente nos três níveis para cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Temos agora um novo orçamento para programas para apoiar o Programa Geral de Trabalho.

Para consolidar este novo orçamento, invertemos o nosso processo de planejamento, de modo que as necessidades de um país determinam o trabalho nas regiões e na Sede.

De forma inédita, os três níveis da organização estão colaborando para definir rigorosamente o que será realizado pela Sede no próximo biênio.

Assim, temos agora uma lista contendo mais de 300 “itens de saúde pública global” que serão desenvolvidos nos próximos dois anos. São as ferramentas técnicas necessárias para cumprir as metas do “trilhão”. Tudo é desenvolvido a partir da base.

Não estamos apenas transformando o que fazemos, mas também como fazemos.

O nosso novo modelo operacional alinha os três níveis institucionais e possibilitará um trabalho colaborativo mais eficaz e eficiente.

Estamos empenhados em tornar nossa instituição orientada aos resultados para produzir um impacto mensurável ao nível dos países.

Uma das nossas prioridades foi garantir que todo e qualquer funcionário da OMS possa vincular o próprio trabalho às nossas prioridades institucionais.

Atualmente, 75% do pessoal têm o trabalho do dia a dia vinculado ao PGT, comparativamente a apenas 47% no ano passado.

Assumimos também o compromisso de aumentar a diversidade do pessoal, imprescindível ao funcionamento do nosso novo modelo operacional. Já obtivemos vários êxitos, de um novo programa para estagiários à nossa equipe de liderança.

Para delegar responsabilidade e preparar bem o pessoal, implantamos 13 procedimentos novos ou reformulados para harmonizar e otimizar a nossa forma de atuação – da elaboração de normas e padrões ao planejamento, monitoramento, execução e resultados, recrutamento, compras, comunicação e muito mais.

E anunciamos planos de criar a Academia da OMS, uma importante iniciativa que visa revolucionar o aprendizado em saúde em todo o mundo, capacitando os profissionais da saúde a executar as normas e os padrões da OMS. Acreditamos que a Academia será um divisor de águas em saúde global.

Meus irmãos e irmãs,

Para encerrar, cito os três principais desafios para o próximo ano.

Primeiro, o desafio da atenção primária à saúde.

A Declaração política sobre cobertura universal de saúde e a Agenda de Saúde Sustentável para as Américas destacam a importância fundamental da atenção primária à saúde.

Todos os componentes já estão a postos. É hora de os países investirem e executarem.

Segundo, o desafio da desigualdade.

Todos conhecem bem o preceito dos ODS: não deixar ninguém para trás. Vivemos em um mundo de desigualdades flagrantes.

A saúde deve ser onde as desigualdades são menores, não onde são maiores.

Insisto para que concentrem seus esforços nos mais pobres, mais marginalizados e mais vulneráveis.

Terceiro, o desafio das mudanças climáticas.

Um esforço conjunto é necessário para captar recursos do Fundo Verde para o Clima e de outras fontes a fim de reduzir as consequências das mudanças climáticas e proporcionar apoio aos países para adaptarem seus sistemas de saúde aos efeitos destas mudanças.

Os sistemas de saúde também devem sair à frente e passar a depender mais de energia renovável, com a gestão sustentável de resíduos e a redução do uso de materiais plásticos de uso único.

Meus amigos,

A sua Região, como o restante do mundo, tem muitas dificuldades e divisões.

O desafio é ficar acima, transcendendo as questões que ameaçam nos dividir e nos unirmos no consenso.

Compartilhamos o mesmo planeta, o mesmo DNA, as mesmas expectativas e aspirações.

O que nos norteia é o direito de todas as pessoas de gozar do grau máximo de saúde que se pode alcançar.

Esta é a nossa visão. Temos o compromisso de trabalharmos juntos para torná-la realidade na vida das pessoas a quem servimos.

Thank you so much. Muchas gracias. Muito obrigado. Merci beaucoup.

- - -